

**JOGOS COOPERATIVOS:
ABORDANDO A QUESTÃO DA INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA.**

AUTOR: VINICIUS PAULETTI GONÇALVES

FACULDADE DE NUTRIÇÃO E FONOAUDIOLOGIA- IMEC

Faculdade de Ciência da Saúde- IPA

RESUMO

Através de vivências pessoais obtidas na área, pode-se constatar a forte presença da competição nos processos educativos nas aulas de Educação Física. Os Jogos Cooperativos aparecem como uma alternativa ao mundo competitivo e um meio de ensino que prioriza a solidariedade e o trabalho de equipe.

O objetivo deste trabalho é a análise dos jogos cooperativos e os seus processos de inclusão nas Séries Iniciais.

Palavras chaves: Jogos Cooperativos; Inclusão; Educação Física escolar.

FACULDADE DE NUTRIÇÃO E FONOAUDIOLOGIA- IMEC

faculdade de ciencia da saúde- ipa

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**JOGOS COOPERATIVOS:
ABORDANDO A QUESTÃO DA INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.**

AUTOR: VINICIUS PAULETTI GONÇALVES

ORIENTADOR: ALEXANDRE LAZAROTTO

PORTO ALEGRE, NOVEMBRO DE 2001

Dedico este trabalho aos meus pais, Raul e Elizabete, e a todos os meus familiares e amigos que me auxiliaram de forma direta ou indireta na realização desta vitória.

Faço uma homenagem especial aos educadores Denise Grosso da Fonseca, Jorge Augusto de Oliveira Eckert, Jussara Maria Pieruccini, Luiz Antônio Maronese, Maria Leonor Brenner Ramos e Milton Felker, que foram de fundamental importância não só para a realização deste trabalho, mas pela minha formação como

professor. Tenho orgulho de participar de suas aulas e aprender com vocês. Agradeço com muito carinho.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. JOGO E A SOCIEDADE: AS RAZÕES DA EXCLUSÃO	7
3. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA COMO PROCESSO EDUCATIVO NO BRASIL	11
4. DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS NAS SÉRIES INICIAIS	15
5. JOGOS COOPERATIVOS: A POSSIBILIDADE DA INCLUSÃO	16
5.1 O que são Jogos Cooperativos	17
5.2 Para que servem os Jogos Cooperativos	19
5.3 Abordagem do professor nos Jogos Cooperativos	21
6. CONCLUSÃO	23
BIBLIOGRAFIA	26

ANEXOS

1. INTRODUÇÃO

A vivência em escolas e o contato com os professores de Educação Física destes locais me inspiraram a trabalhar com os jogos cooperativos que, apesar de serem extremamente importantes na construção do caráter e dos valores dos alunos, são pouco trabalhados nas aulas, dando lugar a jogos competitivos e excludentes, que criam nas crianças sentimentos de medo, angústia e decepção. Mas por que isto acontece?

Muitos são os fatores que podem ter influência direta na linha pedagógica e na maneira de trabalhar o jogo pelo professor de Educação Física em suas aulas.

Os jogos trabalhados com crianças representam os valores e os anseios da sociedade a qual pertencemos, ou seja, os jogos retratam nossa estrutura social. No mundo em que vivemos a capacidade de destacar-se individualmente como o melhor, o mais eficiente, torna-se muito importante dentro de empresas, instituições, etc. O indivíduo é valorizado por suas capacidades frente aos demais, dando-se pouca importância aos mecanismos utilizados, mesmo que os mesmos causem danos a outras pessoas. Congratulações como “funcionário do mês”, “vendedor mais eficiente”, entre outras, muitas vezes desprezam a maneira e os meios utilizados para tais feitos. O individualismo e o separatismo tornam-se mais importantes que a cooperação e a interdependência.

Outro fator de enorme influência para a construção de valores e princípios nos jogos infantis é a influência dos esportes de rendimento, ou segundo Tubino *esporte-performance*, os quais objetivam rendimento, *numa estrutura formal e institucionalizada* (apud Fonseca, 1999, p. 63). A necessidade da vitória a qualquer custo passa a imagem de que o jogo é constituído deste único objetivo, e que o mesmo deve ser alcançado de qualquer maneira. Frases populares como “o segundo colocado

é apenas o primeiro dos últimos” ou “o vice campeão nunca é lembrado” traduzem os princípios e os objetivos deste tipo de esporte. Como consequência disto, nos deparamos diariamente com denúncias de corrupção, suborno, manipulação de resultados, utilização de doping entre outras artimanhas ilícitas utilizadas para a obtenção da vitória.

A construção de valores também é representada de maneira equivocada nos esportes de rendimento. Como exemplo claro temos os Jogos Olímpicos que oferecem como louros da vitória uma série de três medalhas (ouro, prata e bronze); diferentes uma da outra e, conseqüentemente, com valores distintos. Este modelo de premiação, além de valorizar apenas o primeiro colocado, transcreve de maneira explícita o espírito excludente que constituem estas competições. Todos os outros atletas, que se esforçaram da mesma forma para estar participando da competição, acabam esquecidos e desvalorizados.

A cooperação, assim como a competição, é um *valor cultural aprendido* (Orlick, apud Barata et all, 2001), e os jogos cooperativos podem ser classificados como uma das melhores maneiras de desenvolver os aspectos positivos trabalhados no jogo reduzindo as conseqüências negativas da competição.

Segundo Brotto os jogos cooperativos nas aulas Educação Física são de grande valor no processo pedagógico desenvolvendo aspectos como aumento da *auto-estima, confiança, respeito mútuo, comunicação, criatividade, alegria, entusiasmo* (2000, p. 68), entre outros fatores que veremos adiante.

A oportunidade da prática deste tipo de jogo propicia à criança a experimentação de novas formas de vivenciar e aproveitar o jogo. Os princípios e objetivos destas atividades caracterizam-se pela valorização da *construção de objetivos comuns*, para a obtenção do êxtase (ponto de realização máxima). A criança

aprende a *jogar com* e não contra seus colegas; a *solidariedade* e a *confiança* também são altamente estimuladas; a *vitória é compartilhada* entre todos e, com isso, os alunos expressam sentimentos de *aceitação* e demonstram *vontade de permanecer jogando* (Marks, 2001). Diante destas perspectivas acredito que a redução de atividades que trabalhem com a competição, a pouca familiarização com a vitória ou a derrota, ou a falta de preparação para o “mundo competitivo” não deve ser motivo de preocupação no aspecto do desenvolvimento infantil na faixa etária dos 7 aos 10 anos, pois esses alunos devem primeiramente reconhecer as diferenças físicas, psíquicas e sociais que lhes cercam e entender que, mesmo existindo diferenças, todos devem ser tratados de maneira igual e justa para podermos, no futuro, construir uma sociedade mais humana e democrática.

O objetivo deste trabalho é a análise dos jogos cooperativos e os seus processos de inclusão nas séries iniciais. Diante desta proposta o primeiro capítulo intitulado “O jogo e a sociedade: as razões da exclusão”, faz uma reflexão da influência da sociedade no comportamento dos alunos e professores em aula; depois, “A história da Educação Física como processo educativo no Brasil” retrata os métodos excludentes que foram e ainda são muito utilizados em nossas escolas; já o capítulo “Desenvolvimento das crianças nas Séries Iniciais” situa os leitores nas características destas faixas etárias; e finalmente o capítulo “Jogos Cooperativos: a possibilidade da inclusão” analisa os mesmos frente aos seus objetivos pedagógicos, trazendo aspectos como a abordagem do professor frente a estas atividades entre outros.

É importante ressaltar que este trabalho representa um estudo teórico realizado através de uma metodologia de pesquisa bibliográfica; mas isso não deve ser sobreposto nem destacado frente à sua aplicação prática. As áreas de atuação do profissional de Educação Física nos levam para trabalhos que enfatizam os gestos, as expressões, em atividades realizadas fora da sala de aula, e não somente na teoria. O

educador físico deve trabalhar o potencial de seus alunos através do movimento, sendo assim a prática deve ser muito valorizada.

Com este intuito realizo este trabalho, que representa apenas o começo, a primeira fase de um projeto, onde pretendo colocar em prática o conhecimento adquirido na teoria.

2. O JOGO E A SOCIEDADE: AS RAZÕES DA EXCLUSÃO

A Sociedade Moderna se estruturou tendo como base a ideologia do Iluminismo. Originado no Século XVIII, o Iluminismo defende a idéia do racionalismo, a ciência ganha status e conseqüentemente a razão é evidenciada. A mentalidade do individualismo e do cientificismo são as bases desta linha de pensamento. Ao lado desta ideologia, a Revolução Industrial desenvolveu, no mundo Ocidental, uma nova forma de organização chamada capitalismo. Com o passar do tempo este conjunto de fatores influenciou a sociedade nos mais diversos aspectos como nas relações humanas, na educação, na economia, na política, etc.

Segundo Morin a sociedade Ocidental foi formada através dos conceitos de *razão, ordem e separatividade* (apud, Flores, 2000, p. 2) e, sendo assim, esta nova concepção trouxe valores e características que acabaram criando, em relação ao homem, uma nova conotação. O ser humano passa a ser tratado como máquina de produção e/ou mercado consumidor. Com isso vivemos em um cotidiano que prioriza o rendimento, que se preocupa com a mão de obra, com o mercado consumidor, com o produto, com os lucros, ou seja, os valores da sociedade moderna estão voltados muito mais para aspectos materiais e, ao mesmo tempo, despreza o ser humano, sua formação de valores sociais e a construção de seu caráter.

Esta ideologia Iluminista se faz presente também na estruturação do processo educativo. A escola exerce historicamente um papel de instrutor, organizador de massas, preparando seus alunos para se tornarem, no futuro, adultos eficientes, capazes de trabalhar e produzir. A necessidade de organização da sociedade, e conseqüentemente preparação de mão de obra para o futuro, tornaram a escola um excelente instrumento para tais necessidades. Ao invés de educar indivíduos que possam questionar e analisar o mundo em que vivem, a escola ensina aos alunos sua função e seu lugar numa sociedade já pré estabelecida, criando assim pessoas que não

adquirem uma postura de reflexão e argumentação dos problemas e das injustiças vividas no dia a dia, *a escola é uma instituição social e, como tal, se encontra numa relação dialética com a sociedade em que se insere* (Gonçalves, 1994, p. 32).

Este processo de preparação do aluno para o mundo adulto, para o mercado de trabalho, é identificado desta maneira:

(...) há representações que pretendem que a escola desenvolva uma certa pedagogia da eficiência, articulada aos princípios de organização empresarial da chamada “qualidade total (eficácia e produtividade, por exemplo) e tratada como lugar de preparação para o mercado de trabalho. (Vago e Souza, 1999, p. 48)

Esta visão nos mostra a real preocupação e até alienação da sociedade capitalista, que cria em volta do mercado de trabalho uma “redoma de cristal”, que induz nosso desenvolvimento sob as necessidades e carências do mesmo.

Delimitando ainda mais nossos processos educacionais chegamos a Educação Física que, se analisada nos seus processos pedagógicos, nos mostrará o mesmo problema exposto nos parágrafos acima.

A corporeidade, *condição humana, ou seja, o modo de ser do homem* (Santin, 1996, p. 96) é a questão que devemos abordar com mais atenção frente as aulas de Educação Física e seu papel na formação da sociedade. A história nos mostra que a Educação Física vem trabalhando este aspecto de maneira muito equivocada, omitindo uma análise mais aprofundada e crítica do mesmo. O modelo educacional que as escolas trabalham atualmente valoriza a ciência, a técnica, o rendimento, a padronização, o individualismo. Para Vago e Souza (1999) estas concepções que relacionam o ser humano como portador de um corpo reduzido ao biológico, omitindo suas práticas culturais, desenvolve um indivíduo disciplinado, padronizado, treinado;

sujeito a classificações e comparações, o que caracteriza um processo excludente e discriminatório dos alunos na sala de aula.

A escola, apoiada nos princípios da razão, criou uma *corporeidade racional* que estuda o corpo apenas no seu sentido material, como um objeto de trabalho. Nesta perspectiva não existe análise dos níveis sociais, da cultura, das vivências, da história deste corpo. A corporeidade no mundo Ocidental têm a preocupação de formar uma *imagem de homem* (Santin, 1996, p. 93-94); um homem que tem padrões de movimento e posturas pré determinadas, que possui uma única utilização de seu corpo, e que é preparado, para na vida adulta assumir um papel de trabalhador na sociedade, ou seja, a *idealização do movimento humano corresponde, em grande escala, à idealização do próprio ser humano e da sociedade na qual ele se constrói* (Vago, 1995, p. 67).

Essas tendências valorizam os alunos com mais habilidade, os mais rápidos, os mais fortes. Os jogos tornam-se atividades desenvolvidas sob o espírito da competição, onde deve-se jogar contra alguém, os objetivos tornam-se exclusivos, a rivalidade, o individualismo, a desconfiança tornam a atividade um momento de angústia, de pressão. A vontade de acabar o jogo predomina criando-se assim uma certa insegurança de participar dos jogos, principalmente no aluno menos capacitado. Essa super valorização do esporte e da competição nas aulas ocasiona um aumento no medo de falhar, conseqüentemente ocorre a diminuição da auto-estima e inibe a real capacidade de desenvolvimento dos alunos.

Diante destas análises não é difícil imaginar o porquê de tantos alunos serem excluídos e mal trabalhados em nossas aulas atualmente. A presença do objetivismo, do certo ou errado, inibe o aluno de vivenciar e experimentar, os mais diversos movimentos corporais. Seus gestos, expressões, movimentos, habilidades e limitações

deveriam ser exploradas, permitindo assim a convivência com as diferenças, instituindo um processo de ensino-aprendizagem através dos mesmos.

A banalização da Educação Física como esporte transmite aos alunos a idéia de que o principal objetivo da mesma é a conquista do rendimento máximo, da vitória, quando, na verdade, o educador físico deveria explorar com seus alunos o prazer do lúdico, do jogo, da brincadeira. Esta diferença é bem colocada em dois momentos:

A colocação da Educação Física como sinônimo de esporte induz a concebê-la, essencialmente, como competição, e cria o recorde como o seu objetivo fundamental. (Oliveira, 1990, p. 77)

Os jogos passam a integrar os currículos escolares sem a conotação de simples passatempo inseqüente. Muito pelo contrário, adquirem um lugar de destaque. As atividades em forma de jogo são as que mais podem facilitar o desenvolvimento da criança, em virtude da riqueza de oportunidades que o lúdico oferece. (Oliveira, 1990, p. 74)

Podemos assim classificar a metodologia aplicada às aulas de Educação Física como um processo excludente e discriminatório, mais ainda, uma aula onde o principal objetivo é valorizar e especializar ainda mais os alunos com um desenvolvimento motor mais aperfeiçoado, quando na verdade deveria oferecer vivências para os alunos menos capacitados. Conseqüentemente aumenta ainda mais a diferença existente entre estes dois tipos de aluno, contrariando os princípios básicos da educação para todos e refletindo ainda mais nosso padrão equivocado de sociedade.

3. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA COMO PROCESSO EDUCATIVO NO BRASIL

Através da história a Educação Física apresentou muitos processos e concepções de ensino. Com base em análises realizadas sobre a evolução do processo da Educação Física, pôde-se comprovar a existência de métodos e tendências pedagógicas que, com o tempo, determinaram as linhas de ensino utilizadas pela Educação Física no Brasil. Essas tendências misturam-se atualmente e seus objetivos, apesar de distintos, ainda são trabalhados em diferentes áreas de atuação do profissional de Educação Física. É importante ressaltar que atualmente novas visões e metodologias também vêm sendo desenvolvidas e difundidas em nossas escolas.

O que pretendo analisar não são as linhas pedagógicas em si, mas o contexto e os objetivos traçados por elas, mostrando assim a tendência que os professores da área tomam em suas aulas, ou seja, a de padronizar movimentos, trabalhar o individualismo, incentivar o processo competitivo, entre outros fatores que acabam excluindo os alunos menos capacitados.

A primeira, e mais difundida linha de ensino da Educação Física, é a Educação Física Higienista. Difundida na época de transição do Império para o período da primeira República (1889-1930), foi criada através da influência da medicina, em virtude da falta de profissionais da área. Esta linha pregava a utilização dos exercícios como fonte de aquisição e manutenção de saúde.

Nessa concepção a *questão da saúde encontrava-se em primeiro plano* (Ghiraldelli, 1988, p. 17). A utilização das ginásticas, da prática de desportos, dos jogos recreativos, entre outros, incentivavam e determinavam o bem estar da sociedade em geral, ou seja, a Educação Física era utilizada como agente de saneamento público e tinha como objetivo resolver o problema da saúde pública através da educação.

Nesta perspectiva, apesar de demonstrar uma preocupação com o bem estar da população, mascarava um processo de exclusão que se dava através dos indivíduos doentes. A expressão “mente sã em corpo sã” expressa bem os objetivos do processo Higienista, pois a saúde era o seu foco principal e os indivíduos doentes, que também necessitavam da prática de exercícios, eram excluídos das atividades físicas, pois *comprometeriam a vida coletiva* (Ghiraldelli, 1988, p. 17).

A segunda linha de ensino foi denominada de Educação Física Militarista. Criada através dos princípios da Educação Física francesa esta concepção não pode ser confundida com a Educação Física Militar, caracterizada pela prática de atividades físicas com influência dos exercícios militares.

A educação Física Militarista tem grande importância no processo histórico, pois em sua fase de atuação foi criado em 1921, através de decreto, o famoso “Regulamento nº 7” ou “Método Francês”. Este método marcou o fim da linha Higienista e o início da Militarista e tinha como princípios a utilização das atividades físicas como parte do processo de seleção dos melhores alunos:

A Educação Física compreende o conjunto dos exercícios cuja prática racional e metódica é suscetível de fazer o homem atingir o mais alto grau de aperfeiçoamento físico, compatível com a sua natureza. (Oliveira, 1990, p. 57)

Em 1931 este regulamento foi institucionalizado nos cursos secundários e por mais de duas décadas foi considerado a bíblia da Educação Física brasileira. Sua presença foi tão marcante que, até hoje, muitas escolas e professores utilizam de traços deste processo.

A linha de ensino da Educação Física Militarista tinha como objetivos preparar os jovens para o combate, para a luta, para a guerra. Segundo Oliveira (1990)

o que caracterizava esta metodologia era a marcante presença do espírito militar e uma preocupação especial com o desenvolvimento da força muscular. Ghiraldelli aponta que nesta concepção os desportos e os jogos em geral eram utilizados para identificar e eliminar os *incapacitados físicos*, criando-se assim uma *seleção natural* dos alunos mais fortes e robustos (1988, p. 18).

O papel da Educação Física no processo de aprendizagem era de preparação de homens e mulheres para compor papéis sociais e profissionais na sociedade futura, impondo assim padrões e comportamentos estereotipados e pré-determinados.

A terceira linha de pensamento existente foi denominada de Educação Física Pedagogicista e, pela primeira vez, encarou as aulas de Educação Física como uma atividade educativa. Criada e difundida no período pós guerra (1945-1964), esta concepção preocupava-se em instituir as aulas de Educação Física como disciplina comum na grade curricular das escolas.

Esta fase é marcada pela valorização do educador físico no processo educativo. Competições, gincanas, festas comemorativas, desfiles, entre outras atividades visando o lazer, eram organizadas pelos professores de Educação Física.

Dentro deste processo, as aulas tinham como objetivos a estimulação de habilidades fundamentais, disseminação da saúde (tanto física como mental), o controle emocional, o aproveitamento das horas livres e, principalmente, a formação do caráter dos alunos.

A Quarta e última linha de pensamento foi denominada de Educação Física Competitivist. Apesar de ser criada em meados dos anos 20, este processo educativo teve sua real efetivação a partir dos anos 60 com a ascensão da ditadura militar no Brasil. Isto porque o governo necessitava abafar e mascarar os problemas internos do país, passando uma imagem de desenvolvimento e prosperidade. Com isso criaram-se

programas de incentivo à prática de esportes de rendimento, com o objetivo de obtenção de medalhas.

Pela primeira vez a Educação Física é colocada em um segundo plano, como um apêndice, um sub-título do processo de Treinamento Desportivo voltado para os esportes de alto nível. Nesta fase a pesquisa é fortemente incentivada e áreas como Fisiologia, Anatomia, Biomecânica e Cinesiologia ganham grande importância no processo de formação dos educadores físicos.

A tecnização é muito valorizada, a padronização de movimentos, a busca da perfeição, os processos de seleção e a competição tem forte presença nesta fase preocupada, apenas, com a obtenção da vitória a qualquer custo, na busca de resultados.

Através destas análises é possível afirmar que boa parte dos processos educativos nas aulas de Educação Física são de natureza excludente, priorizando os alunos mais capacitados. Mas afinal, o que podemos fazer para diminuir estes processos de exclusão?

4. DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS NAS SÉRIES INICIAIS

As características de desenvolvimento das crianças são muito importantes para situar e orientar o trabalho do professor, não só de Educação Física, mas de todos que estão em contato e participam do processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Greenspan e Greenspan aspectos como a coordenação motora tanto grossa como fina já estão bem desenvolvidas em crianças com 7 ou 8 anos; as capacidades de relacionamento já se mostram mais equilibradas a partir desta idade. Fatores como a *organização, profundidade, variação e tipos de afeto* representam, a partir dos 8 ou 9 anos, um desenvolvimento significativo; experiências com relação a *tristeza, ternura e compaixão* (Greenspan e Greenspan, 1993, p. 67-68) estão emergindo nestas crianças.

Em anexo será apresentado uma tabela delineando as características de desenvolvimento específicas das crianças dos 5 aos 10 anos. É importante ressaltar que cada idade apresenta fases de desenvolvimento específicas (salvo exceções) em relação as capacidades físicas, relacionamento, afeto, ansiedade, entre outros fatores.

Dentro da área de atuação do educador físico nas Séries Iniciais, os jogos têm papel de destaque no desenvolvimento infantil no que diz respeito ao conhecimento do próprio corpo, pois *os jogos livres e as atividades de expressão, a experiência vivida do corpo em confronto com o objeto propicia o esboço da primeira maquete do esquema corporal, garantindo uma destreza global do corpo em relação com o seu meio de comportamento* (Boulch, 1983, p. 65). Sendo assim, as atividades devem colocar a criança frente a situações em que ela tenha que utilizar suas vivências, *é neste estágio do exercício que vão se estabelecer, conscientemente e sobretudo inconscientemente, associações entre os dados da situação proposta e a experiência pessoal da criança* (Boulch, 1983, p. 65).

Em anexo será apresentado um quadro realizado pela Assessoria Pedagógica da Secretaria Municipal de Esportes (SME) da prefeitura de Porto Alegre indicando as características de comportamento, as atividades propostas e as qualidades físicas que podem ser trabalhadas nas crianças do zero aos 12 anos.

5. JOGOS COOPERATIVOS: A POSSIBILIDADE DA INCLUSÃO

Para a maioria das pessoas os jogos são atividades que tem por característica o ato de brincar, puro e isoladamente. O dicionário classifica jogo como *brinquedo, divertimento, passatempo* (Aurélio, 1986, p. 990).

Como educadores sabemos que o jogo implica em muitas outras funções no desenvolvimento da criança. Aspectos culturais, sociais, políticos, cognitivos e motores entre outros, são explorados e experimentados pelas crianças durante a realização deste tipo de atividade que é, na maioria das vezes, um momento de descontração e alegria para elas.

(...) o jogo é mais do que um fenômeno fisiológico ou um reflexo psicológico. Ultrapassa os limites da atividade puramente física ou biológica. É uma função significativa, isto é, encerra um determinado sentido. (Huizinga, 1996, p. 03)

Intrínseco aos jogos estão os jogos em grupo, que representam mais do que apenas atividades lúdico esportivas, eles são classificados como *aqueles em que as crianças jogam juntas de acordo com uma regra pré estabelecida que especifique: (1) algum clímax preestabelecido (ou uma série deles) a ser alcançado e (2) o que cada jogador deveria tentar fazer em papéis que são interdependentes, opostos e cooperativos* (Kamii e Devries, 1991, p. 04).

Seguindo esta linha, Kamii e Devries caracterizam um bom jogo em grupo sob a visão de seus processos educacionais como sendo *interessante e desafiador para as crianças, que os alunos possam se auto-avaliar quanto ao seu desempenho e que todos os jogadores possam participar ativamente do início ao fim do jogo* (1991, p. 5).

Especificando ainda mais nossos estudos chegamos aos Jogos Cooperativos. Estes jogos possuem valores educacionais semelhantes aos jogos em grupo mas possuem algumas peculiaridades. Sendo assim, essas peculiaridades serão analisadas e discutidas, tentando sempre realizar uma comparação com os jogos competitivos para entendermos melhor seus processos.

5.1 O que são Jogos Cooperativos

Os jogos cooperativos são atividades alternativas ao mundo competitivo, em que seus objetivos possuem um caráter de solidariedade e não de exclusão. As metas e os resultados são estimulados através de desafios, e os mesmos devem ser alcançados de maneira coletiva, oportunizando a satisfação de todos.

A situação cooperativa é aquela *em que os objetivos dos indivíduos são de tal ordem que, para que o objetivo de um deles seja alcançado, todos os demais integrantes, deverão igualmente alcançar os seus respectivos objetivos* (Deutsch, apud Brotto, 2000, p. 38). O quadro abaixo realiza uma boa comparação das situações desenvolvidas nas atividades cooperativas e nas competitivas:

Situação Cooperativa	Situação Competitiva
Percebem que o atingimento de seus objetivos, é em parte, consequência da ação dos outros membros.	Percebem que o atingimento de seus objetivos, é incompatível, com a obtenção dos objetivos dos demais.
São mais sensíveis às solicitações dos outros.	São menos sensíveis às solicitações dos outros.
Ajudam-se mutuamente com frequência.	Ajudam-se mutuamente com menor frequência.

Há maior homogeneidade na quantidade de contribuições e participações.	Há menor homogeneidade na quantidade de contribuições e participações.
A produtividade em termos qualitativos é maior.	A produtividade em termos qualitativos é menor.
A especialização de atividades é maior.	A especialização de atividades é menor.

(Brotto, 2000, p. 45)

Analisando o quadro acima fica evidente que o envolvimento através do jogo cooperativo é muito mais explícito do que nas atividades competitivas. Este envolvimento não se apresenta apenas nos alunos com melhor desenvolvimento motor, mas sim em todo o grupo participante. A conquista dos desafios através de ações coletivas desenvolve nos alunos o sentimento de pertencer a um grupo; a valorização da ação de cada indivíduo em prol de um resultado coletivo valoriza e encoraja os alunos; a relação de ajudar-se com maior frequência coloca os alunos diante das diferenças e ensina-os a lidar com as mesmas.

A relação entre aspectos trabalhados nos jogos em grupo e os padrões de percepção/ação desenvolvidos, são apresentados na tabela abaixo através da análise de atividades cooperativas e competitivas:

	Cooperação	Competição
Visão de jogo	Possível para todos	Parece possível só para um
Objetivo	Ganhar...juntos	Ganhar...do outro
O outro	Parceiro, amigo	Adversário, inimigo
Relação	Interdependência, parceria	Dependência, rivalidade

Ação	Jogar...com	Jogar...contra
Clima de jogo	Ativação, atenção	Tensão, stress
Resultado	Sucesso compartilhado	Ilusão de vitória individual
Conseqüência	Vontade de continuar jogando...	Acabar logo com o jogo
Motivação	Amor	Medo
Sentimentos	Alegria, comunhão	Raiva, solidão
Símbolo	Ponte	Obstáculo

(Brotto, 2000, p. 54)

Diante disto é possível observar algumas características específicas desenvolvidas por estas atividades. Por enfatizar os resultados através de desafios, ao invés de comparações, os alunos tem a oportunidade de vivenciar o jogo com maior prazer e satisfação. Como exemplo disto podemos citar itens como o objetivo de ganhar...juntos; a relação de parceiro, amigo com o outro; a ação de jogar...com alguém; o sucesso compartilhado como resultado; a vontade de continuar jogando; entre outros.

A intercomunicação de idéias, a coordenação de esforços, a amizade e o orgulho por pertencer ao grupo, que são fundamentais para a harmonia e a eficácia, parece desaparecer quando seus membros se vêm em situação de competir para obtenção de objetivos mutuamente exclusivos.

Ademais, há alguma indicação que a competição produza maior insegurança pessoal (expectativa de hostilidade por parte de outros), do que a cooperação. (Deutsch, apud Brotto, 2000, p. 46)

A soma de todos esses fatores não excludentes e cooperativos determina um resultado fundamental para nós educadores: a possibilidade de desenvolvimento é

muito mais elevado para todas as crianças que participam das atividades, já que para *cada um o jogo é um caminho de co-evolução*. (Orlick, apud Brotto, 2000, p. 65)

5.2 Para que servem os Jogos Cooperativos

Mas afinal, o que pretendemos trabalhar com este tipo de jogos?

Através dos Jogos Cooperativos pretendemos trabalhar o aspecto da corporeidade no seu real significado, ou seja, propiciando aos alunos oportunidade de vivenciarem os mais diversos gestos, expressões e movimentos. Ensejar a possibilidade de se relacionar com seus colegas e consigo mesmo através do corpo. Ensinar e aprender diversas culturas corporais, sem a necessidade da padronização e/ou classificação de movimentos. Desejamos que os alunos sejam capazes de realizar as atividades propostas a sua maneira, e que possam aprender novas alternativas através da maneira de seus colegas.

Dentro desta perspectiva devemos incentivar as mais diversas vivências sem classificá-las como certas ou erradas, mas tendo a preocupação com a sua originalidade, que os movimentos sejam autênticos, criativos. Como relata Santin, não pretendemos *destruir a imagem do homem*, pelo contrário, queremos torná-la mais *expressiva, original*; simplesmente devolver ao homem a sua *originalidade primordial* (1996, p. 93). Essa originalidade é desenvolvida através da história de vida, das vivências experimentadas, de sua cultura corporal.

É importante ressaltar que cada ser humano apresenta individualidades específicas. Para Vago estas particularidades devem ser consideradas pelo professor de Educação Física como uma diversificação cultural presente em sua aula. O professor deve trabalhar seus alunos de maneira que as diferenças não representem empecilhos para uma convivência harmoniosa do grupo, muito pelo contrário, essas diferenças

representam as riquezas culturais, *um verdadeiro patrimônio lúdico da humanidade* (1995, p. 69) nas aulas de Educação Física, e devem ser aproveitadas na forma de organização do ensino.

A presença de turmas heterogêneas em nossas aulas deve ser valorizada, essas turmas são uma grande oportunidade de propiciar aos alunos a prática de inúmeras manifestações. Manifestações estas que representam a essência de nossa profissão e podem ser classificadas como *cultura física* (Betti, apud Vago, 1995, p. 69), *cultura corporal* (Coletivo de Autores, apud Vago, 1995, p. 69).

O que almejamos é que as aulas de Educação Física representem momentos marcantes na vida de nossos alunos. Que através da alegria do lúdico seja possível oportunizar a possibilidade de vivenciarem os mais diversos padrões de movimento e interagirem consigo mesmos e com o grupo. Devemos ensinar nossos alunos a gostarem de seu próprio corpo e o de seus colegas, expressando-se de maneira natural e autêntica, eliminando qualquer tipo de inibição, classificação ou discriminação. Devemos apresentar as diferenças existentes em nossos corpos (tanto entre os alunos como entre professor e aluno, pai e filho, etc) e que através delas poderemos aprender e crescer juntos.

5.3 Abordagem do Professor nos Jogos Cooperativos

O professor tem papel importantíssimo no sucesso de seus alunos. Sua relação com os alunos, sua metodologia e sua postura propiciarão condições para o desenvolvimento máximo de sua turma.

Segundo Piaget existem dois princípios básicos de ensino que o professor deve analisar no momento da elaboração de suas aulas: *que os jogos sejam*

modificados a fim de se ajustarem à maneira como a criança pensa, e que a autoridade do adulto seja reduzida tanto quanto possível (apud Kamii e Devries, 1991, p. 287).

As relações que o professor estabelece com seus alunos refletem e caracterizam o comportamento de sua turma. É importantíssimo que o professor reduza o seu poder tanto quanto possível, mas não esquecendo nunca de sua função de organizador e condutor do grupo. Os jogos em grupo são excelentes oportunidades de discussão e interação entre os alunos, a tomada de decisões deve ser feita por parte dos mesmos. O encorajamento dessas iniciativas estimula a *autonomia intelectual e social da criança* (Kamii e Devries, 1991, p. 291).

A participação do professor como jogador é uma das melhores maneiras de encorajar seus alunos. Como participante e igualmente “submisso” as regras do jogo, o professor pode intervir como um jogador. Sendo assim, ele torna-se um participante no mesmo nível de seus alunos, suas idéias e sugestões devem ser discutidas e aceitas ou não pelo grupo, o que ocasiona reflexão e interação entre as crianças. Não importa o tipo de jogo que o professor sugere, mas sim as atitudes tomadas pelo mesmo, ou seja, *que reduza o poder do adulto, dê tempo às crianças, encoraje a cooperação entre elas e ajude-as a chegar a suas próprias decisões* (Kamii e Devries, 1991, p. 292).

A metodologia que o professor deve aplicar em uma aula com jogos cooperativos deve conter algumas características específicas para se alcançar os objetivos destes jogos. A linha de ensino que mais se aplica a este tipo de jogos é a Construtivista, pois *valoriza as experiências de seus alunos, a sua cultura (...)* *O aluno constrói o seu conhecimento a partir da interação com o meio, resolvendo problemas* (Darido, 1998, p. 61), e mais *trata-se de um aprendizado que não é medido e calculado pelo resultado, mas pela execução do que se faz ou do que se sabe* (Santin, 1992, p. 24).

Na análise de Darido (1998) o jogo tem papel importantíssimo na metodologia construtivista e é considerado o principal modo de ensinar. Portanto o mesmo deve ser introduzido de maneira clara e breve para assim os alunos interpretem e utilizem as regras durante a sua realização. A descoberta de objetivos intrínsecos e ocultos são características dos jogos cooperativos.

Por último devemos refletir sobre a postura do professor frente as atividades cooperativas. Este é um aspecto importante para o sucesso deste tipo de jogos. O professor deve se auto-avaliar frente a maneira com que conduz sua aula.

Nosso poder adulto é tão natural e nossas concepções empiristas sobre aprendizagem são tão inconscientes e fortes que freqüentemente fazemos coisas autoritariamente, apesar de nossas melhores intenções. (Kamii e Devries, 1991, p. 293)

Aspectos como formas de motivação, construção dos valores, atitudes, valorização de resultados, entre outros fatores determinarão a compreensão por parte dos alunos dos verdadeiros objetivos dos jogos cooperativos. Se o professor elaborar uma aula com características cooperativas mas incentivar seus alunos através de aspectos competitivos, os mesmos não terão condições de assimilar aspectos como solidariedade, criatividade, alegria, entre outros fatores que correspondem aos princípios destas atividades, ou seja, (...) *jogamos de acordo com a visão que temos do jogo e que dependendo dessa percepção escolhemos um estilo ou outro para jogar* (Brotto, 2000, p. 61).

6. CONCLUSÃO

A medida em que fui construindo meu embasamento teórico, tive a oportunidade de adquirir conhecimentos através das mais diferentes fontes teóricas; as relações e discussões estabelecidas com diversos professores atuantes na instituição (IPA) também oportunizaram para mim, uma grande reflexão entre competição e cooperação. As minhas dúvidas consistiam na vivência corporal que eu havia passado com relação ao jogo, a brincadeira, ao esporte. Sempre participei de jogos organizados através de campeonatos ou torneios que tinham como característica a competição, e sempre adorei este tipo de atividade, foi presença forte em minha formação. Com o decorrer da graduação percebi que minhas atitudes frente aos jogos sempre foram mais cooperativas do que competitivas. É a partir daí que começo minhas reflexões conclusivas deste trabalho.

Acredito que para uma educação que trabalhe a totalidade do aluno devemos apresentar para o mesmo o maior e o mais diversificado número de experiências possíveis, realizando atividades que tenham características cooperativas e atividades com características competitivas. Até aí não existe nenhum problema, mas analisando um pouco o processo competitivo é que chegamos a duas questões importantes: a questão da vitória e da derrota e os valores atribuídos a elas; e a oportunidade de jogar os jogos cooperativos aproveitando o prazer de uma atividade lúdica.

Porque temos que atribuir comparações (melhor ou pior, vencedor ou perdedor) em nossos jogos como forma de motivação de um grupo? Quantas vezes nossos alunos tiveram a oportunidade de vivenciar jogos cooperativos de maneira sistemática e se divertir com os mesmos?

As atividades competitivas priorizam como objetivo em seus jogos o resultado, este resultado é consequência de uma comparação de performance que

valoriza os vencedores, o ato de ganhar. A construção dos valores é a principal diferença entre os jogos competitivos e os jogos cooperativos. Na competição a motivação é fruto de resultados, já na cooperação o aspecto da motivação é obtido através da busca de desafios, onde todos devem unir suas ações individuais em prol de um objetivo coletivo.

Acredito na mesclagem de atividades cooperativas e competitivas no processo de ensino, contanto que o professor entenda e reflita sobre as conseqüências e os objetivos frente à questão da vitória e da derrota em uma aula de Educação Física.

Refletindo a questão dos jogos cooperativos fica claro que durante nossa formação, fomos condicionados a participar de atividades que tinham como característica a competição, portanto, fomos condicionados a competir. O que deve nos preocupar como educadores é a possibilidade de oferecer aos nossos alunos a oportunidade de vivenciar atividades cooperativas; atividades livres de qualquer padronização, onde os alunos possam participar da maneira mais natural possível. Como conseqüência os mesmos se sentirão muito mais confortáveis e confiantes, apreciarão o prazer de jogar o jogo, envolvendo-se e participando de forma ativa, construindo um ambiente livre de qualquer pressão, propício para o desenvolvimento de sua criatividade.

Trabalhando as questões da competitividade e cooperatividade, as aulas de Educação Física terão valor não só no seu aspecto de educadora do corpo, mas também fará uma importante contribuição na sua função social; numa sociedade que fragmenta e torna o ser humano individualista, as aulas de Educação Física oportunizarão o relacionamento de diferentes comportamentos ensinando a conviver de maneira justa.

As aulas de Educação Física devem oferecer princípios básicos de ensino para a formação e construção de valores de seus alunos. Esses princípios devem proporcionar a garantia de inclusão e participação de todos, o respeito a corporeidade

singular dos alunos, o privilégio do caráter lúdico, a reflexão sobre as práticas competitivas, a problematização dos valores estéticos de nossa cultura com relação as práticas corporais, entre outros.

Como pode-se comprovar a utilização dos jogos cooperativos atende a todos os fatores citados acima. Este método deve ser apresentado e difundido entre os professores, para assim transformarmos nossas aulas de Educação Física e a realidade em que vivemos.

Durante o processo de realização do trabalho me deparei e refleti com dois aspectos totalmente opostos no processo de aprendizagem, a cooperação e a competição. Aprendi que cada um oferece características específicas e importantes no processo de desenvolvimento da criança, mas foi constatado que as atividades competitivas tem influência muito maior na área da Educação Física do que as atividades cooperativas. Como sabemos, fazemos parte de uma sociedade de caráter competitivo, que não respeita as características individuais de cada ser humano. Como educadores temos a obrigação de refletir e questionar este modelo de sociedade em que vivemos, construindo novos conceitos junto com nossos alunos.

No meu entender o tema escolhido para este trabalho é totalmente contemporâneo e relativamente novo para nós educadores físicos. Muitos estudos estão sendo realizados e acredito que novas descobertas estão por vir. A questão da utilização dos jogos cooperativos como método de aprendizagem da expressão, consciência corporal e como caráter social é muito interessante e necessário no dia a dia de nossas escolas. O professor deve procurar informações e se familiarizar com este tipo de atividades para se reciclar e poder oportunizar novas formas de ensino para seus alunos.

A minha intenção com este trabalho de conclusão de curso não se limita à fechar um processo de graduação, mas sim abrir portas para futuras oportunidades de prosseguir a busca do conhecimento, através de novos desafios.

BIBLIOGRAFIA:

1. BARATA, K.; SILVA, S.; BROTTTO, F. **O programa de jogos cooperativos na CEPEUSP**. Disponível em: www.efdeportes.com/efd13/jogos.htm. Acesso em out/2001.
2. BROTTTO, Fábio Otuzi. **Jogos cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar**. 4º edição. Santos, SP: Re-novada, 2000;
3. DARIDO, Suraya Cristina. Apresentação e análise das principais abordagens da Educação Física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. UNESP-Rio Claro, SP, p. 58-65, set/1998;
4. FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2º edição. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1986;
5. FLORES, Maria Luiza Rodrigues. **Reflexões sobre a formação de educadores e educadoras na contemporaneidade: repensando os paradigmas tradicionais**. In: IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIA DO MOVIMENTO HUMANO, IPA-IMEC, Porto Alegre, RS, Anais, 2001.
6. FONSECA, Denise Grosso. **Educação Física: para dentro e para além do movimento**. Porto Alegre, RS: Mediação, 1999;
7. GHIRALDELLI, Paulo. **Educação Física Progressista**. São Paulo, SP: Loyola, 1988;
8. GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. 5º edição. Campinas, SP: Papirus, 1994;
9. GREENSPAN, Stanley I. e GREENSPAN, Nancy Thorndike. **Entrevista clínica com crianças**. 2º edição. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1993;
10. HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. 4º edição. São Paulo, SP: Perspectiva, 1996;
11. JEAN, Le Boulch. **A Educação pelo movimento**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1983;
12. KAMII, Constance e DEVRIES, Rheta. **Jogos em grupo na educação infantil: implicações da teoria de Piaget**. São Paulo, SP: Trajetória Cultural, 1991;

13. MARKS, Cecília. **Jogos cooperativos x competitivos**. Revista Educacional, n° 221, p. 20-24, set/1999. Disponível em: www.netdata.com.br/ieeb/ieeb1099.htm Acesso em set/2001;
14. OLIVEIRA, Vitor. **O que é Educação Física**. 8° edição. São Paulo, SP: Brasiliense, 1990;
15. SANTIN, Silvino. **Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento**. 2° edição. Porto Alegre, RS: EST/ ESEF-UFRGS, 1996;
16. SANTIN, Santin. **Educação Física: temas pedagógicos**. Porto Alegre, RS: EST/ ESEF, 1992;
17. SOUZA, Eustaquia Salvado de e VAGO, Tarcísio Mauro. A Educação Física e as diretrizes curriculares nacionais para o Ensino Fundamental. **Presença Pedagógica**, v. 5, n° 26, p. 47-55, março/abril 1999;
18. VAGO, Tarcísio Mauro. Educação Física, um olhar sobre o corpo. **Presença Pedagógica**, n. 2, p. 65-70, março/abril 1995;

ANEXO 1: Tabela relativa as características das crianças dos 5 aos 10 anos. Fonte: Greenspan e Greenspan, 1993, p. 76-83.

ANEXO 2: Quadro das características das crianças dos zero aos 12 anos.

Fonte: Material de estudo da Secretaria Municipal de Esportes (SME) de POA, 2001.